

# COMUNICAÇÃO

## PADRE CÁRMINE FASULO: COMUNICAR PARA EVANGELIZAR

---

*Rovílio Costa*

### **Feira do Livro de Antônio Prado, 2007**

Por ocasião da Feira do Livro, de 19-04-2007, Est Edições e Correio Riograndense, com doação de 2.100 títulos de livros, constituíram na Biblioteca Municipal de Antônio Prado o Acervo de Etnias Pe. Cármine Fasulo, que apostou na necessidade da leitura para a evangelização e educação, criando o jornal *La Libertà*, em 13-04-2007, que continua sob o nome de *Correio Riograndense*.

Qualquer Feira do Livro tem o livro como homenageado. Homenagear e promover o livro é eleger a leitura como fulcro de educação e cultura. O livro coloca o mundo em nossa casa, nos permite conhecer, concordar e discordar de idéias, filosofias e ideologias que fazem o patrimônio do pensamento da humanidade. Ler é conviver com a diversidade e universalidade do pensar.

Eliane Lobato (2007, p. 49) assim descreve os caminhos do livro e da leitura:

Sinceramente, existem poucas coisas mais simples do que esta frase do poeta Mário Quintana: ‘Os livros não mudam o mundo; quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.’ Nas páginas de um livro estão caminhos, argumentos e chaves para abrir o pensamento. Então, por que se lê tão pouco no Brasil? Tirando o analfabetismo, as razões esbarram em questões culturais. Entrevistei, certa vez, a escritora Ana Maria Machado, premiada na área infanto-juvenil, e perguntei como se consegue fazer uma criança gostar de ler. Ela respondeu, dando o exemplo: ‘Os pais levam os filhos ao parque e ao cinema. Levam à livraria? – Na maioria das vezes, não’.

Esta Feira homenageia o Pe. Cármine Fasulo, que não é apenas o 2º Cura e 1º pároco de Antônio Prado (31-05-1900).

Pe. Alessandro Pellegrini, 1º cura, olhando para Antônio Prado, seu campo pastoral, viu o mundo em Antônio Prado, e Antônio Prado no mundo, exclamando:

– Homens livres do orbe, eis aqui a terra da promessa. Só com os braços conquistareis o pão e a liberdade!

E do seio do Barracão dos imigrantes, de mãos dadas aos pioneiros, colocou no coração da Colônia o *Coração Divino de Jesus*, lançou bases e edificou o seu santuário, ampliado, conservado e aperfeiçoado por seus sucessores, porque o pão e a liberdade verdadeiras se fundamentam no *pão dos fortes* – a Eucaristia.

Assim começou a caminhada de uma paróquia, nascida e conduzida pelo clero, ontem da Diocese do Rio Grande do Sul e, hoje, da Diocese de Caxias. Como a filosofia nos diz que o “agir é da qualidade do ser”, voltemo-nos ao modo de ser, para entender o modo de fazer de nossos sacerdotes do clero, cada um imprimindo na face de Antônio Prado a marca de sua originalidade: Se Pe. Alessandro Pellegrini foi o clarividente pioneiro, Pe. Cármine Fasulo lançou bases dos laços entre religião e cultura, trabalhados de forma singular por cada um dos sucessores, padres Ângelo Donato, Antônio Pértile, José Benini, Luiz Sávio, Henrique Gelain, Ernesto Mânica, Maximiliano Franzoi, Antônio Galiotto, Leonel Pergher, João Bosco Luiz Schio, Lóris Cortese e o atual entusiasta José Mussoi.

E Pe. Cármine Fasulo (1865-1935) é um ícone da ação pastoral do clero no Rio Grande do Sul, como primeiro Cura de Caravaggio e primeiro Pároco de Antonio Prado. Nasceu em 11-02-1865, em Monte Falcione (Avelino, Itália), estudou no Seminário de Terni, ordenou-se em Roma a 22-05-1890 por Dom Júlio Lenti. Ante as dificuldades de se incorporar à Igreja do Brasil para o que se exigia, por determinação de Leão XIII, excardinação da diocese de origem e incardinação na diocese adotiva, no caso, o Bispado do Rio Grande do Sul, ele abreviou caminhos, ingressando na Congregação dos Palotinos, que, desde 1886, estavam presentes em Silveira Martins, e atendiam à Paróquia de Caxias, desde 19-03-1888, com os padres André Walter, tendo como colaboradores Augusto Finotti e Antônio Caubone, há pouco admitidos na Congregação; de 1890-1891, como palotino, assumia como coadjutor o Pe. Cármine Fasulo, que depois retornou ao clero, integrando-se na Diocese do Rio Grande do Sul. A 02-05-1893, Dom

Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão criou o Curato de Nossa Senhora do Caravaggio da Linha Palmeiro, e nomeou primeiro cura o Pe. Cármine Fasulo, que trabalhou com muito afinco, erguendo a igreja matriz e a casa paroquial. Em 1897, foi transferido para Antônio Prado, tornando-se o último cura e o 1º pároco (31-05-1900). Tendo estourado uma luta religiosa, retirou-se em março de 1904, para se tornar pároco de Caxias (15-07-1904), onde fundou o jornal *La Libertà*, do qual tira origem o atual *Correio Rio-grandense*. Deixando Caxias, tornou a paroquiar em Caravaggio, Nova Vicenza (atual Farroupilha, 1913), Bento Gonçalves (1914), Triunfo (1916) e Gramado (1917-1920), como 1º pároco.

Após 30 anos de trabalhos e lutas memoráveis, o Pe. Cármine Fasulo, em setembro de 1920, volta para a Itália, integrando-se à diocese de Terni (Umbria), como Cônego da Catedral e reitor do Seminário Diocesano. Em Terni, distinguiu-se pela piedade e generosidade; promoveu o *Apostolado da Oração* e a devoção ao *Sagrado Coração de Jesus* nas paróquias da diocese. Por seu intermédio, muitas famílias se consagraram ao Sagrado Coração de Jesus. Faleceu em Terni, a 23-1-1935, aos 70 anos.

Em Caxias do Sul, a 10-10-1897, nascia o jornal *O Caxiense*, que já no 2º número, de 06-11-1897, à página 2, tinha uma resposta do pároco, Padre Pedro Nosadini, acusado de se opor às festas de 20 de setembro, data da unificação italiana, mas que na realidade ele denominava de ato político, que devia ser evitado, dadas as diferentes opiniões da população. E em 1º-01-1898, o mesmo Pe. Pedro Nosadini lançava *Il Colono Italiano*, denunciando a tendenciosidade de *O Caxiense*, mas ingressando também no caminho polêmico, bem expresso em seus objetivos:

– *Il Colono Italiano* sarà l'amico, il consigliere, la guida, l'avvocato dei cattolici italiani emigrati in Caxias e nelle colonie circumvicine e fornirà loro interessanti notizie della cara e bella Patria.

E veja-se o tom polêmico na continuidade:

– *Il colono Italiano* non si occuperà di politica, tanto che già esiste in Caxias un giornale, *O Caxiense*, ad hoc, al quale invio un cordiale e fraterno saluto.

*O Caxiense*, que se intitulava *defensor das colônias italianas e órgão republicano*, concluía sua trajetória a 28-4-1898, e *Il Colono Italiano*, *Bollettino Cattolico Mensile*, fechou em 21-8-1898. O

primeiro não interessou ao povo, e o segundo não interessou aos católicos, pelo reducionista tom polêmico de ambos.

Mas no seio da Igreja continuou a utopia de um periódico voltado aos católicos. E Frei Bruno de Gillonnay, diretor da Missão dos Capuchinhos Franceses no Rio Grande do Sul, foi despertando a consciência dessa necessidade. Vários encontros entre ele e o Pe. Cármine Fasulo, de cujos frutos temos, por exemplo, a vinda das Irmãs de São José, em 1900, que estavam sob sua tutela, para Antônio Prado. Com elas, como com o povo de Antônio Prado, de Caxias e das localidades por onde passou Pe. Cármine, culminava com atritos. Em carta de 23-04-1903, o próprio Frei Bruno dizia:

– A Superiora das Irmãs irá visitar Antônio Prado. Dizem que as coisas não vão bem com o Pe. Cármine. Não sei se ela poderá resolver as coisas. Cabeça de napolitano, cabeça impossível. Quanto a mim, não ando tão mal com ele, mas me mantenho distante. Gato escaldado tem medo de água fria.

A intemperividade temperamental e a ação de anticlericais obrigaram sua retirada de Antônio Prado.

Os contatos de Pe. Cármine com Frei Bruno e as incursões eventuais dos capuchinhos franceses no município, especialmente no atual território de Nova Roma, motivaram ao Padre Cármine a realizar o que Frei Bruno não podia concretizar como frade e estrangeiro, a criação de um periódico direcionado aos católicos. Em 1904, Frei Bruno relatava ao bispo Dom João Batista Scalabrini, em visita às colônias italianas, a necessidade da imprensa para a evangelização, dizendo:

– Não a imprensa como é entendida na Europa, de novidades e lutas apaixonadas... Trabalhamos para estabelecer com simplicidade, no centro das colônias italianas, uma pequena impressora, que levará periodicamente no seio das famílias em sua língua materna, uma página explicada do Santo Evangelho, uma história edificante, alguns conselhos de agricultura, indicação de alguns livros adaptados às necessidades dos agricultores.

Se Frei Bruno tivesse condições e permissão de estabelecer a referida impressora, não proporia isto ao Bispo Scalabrini, nem discutiria o caso com Pe. Cármine.

Ao assumir a Paróquia de Caxias, Pe. Cármine Fasulo tomou consciência da efêmera existência de dois jornais antagônicos, *O Caxiense*

e *Il Colono Italiano*, e viu o campo livre para implantar um jornal, motivado pelas propostas do Frei Bruno. Mas, por sua índole polêmica, sentia-se livre na arena, e seu jornal se implantava em oposição aberta à política italiana da unificação, acenando ao poder papal. Estabelece como objetivos do *La Libertà*, lançado em 13-02-1909:

La Libertà, auspice della suprema autorità ecclesiastica diocesana, scende oggi per la prima volta nell'arena giornalistica.

Attenendosi alle norme seguite da coloro che ci han preceduto, adempiamo al grato dovere di manifestare fin da questo primo numero quale sia il programma che ci proponiamo di svolgere, e lo diciamo subito in poche parole.

Il nostro giornale sarà settimanale e d'indole prettamente ed essenzialmente cattolico, apostolico, romano: sarà papale nel più stretto senso della parola. Noi non sappiamo concepire un giornale cattolico, senza che sia papale. Per un vero cattolico, dopo Dio, il Papa è tutto. Ci si spezzi la penna fra le dita..., se un giorno dovessimo allontanarci di una linea da questo nobile e santo ideale.

Perciò *La Libertà* farà suoi non solo i comandi, ma gli stessi desiderii del Romano Pontefice, ed in ciò che potrà intuire, si farà un dovere di prevenirli.

Noi non intendiamo, né vogliamo illudere nessuno. La Libertà nasce cattolica e viverà cattolica; e se un giorno dovesse morire, l'ultimo suo anelito sarà consacrato all'augusto Vegliardo del Vaticano, luogo tenente di Gesù Cristo in terra.

*La Libertà* potrà morire, ma Iddio non muore.

Con ciò non si deve credere che il nostro giornale tratterà esclusivamente di assunti religiosi. Noi somministreremo ai nostri egregi lettori tutte quelle nozioni che potranno interessarli anche dal lato materiale. Quindi tratteremo di agricoltura, industria, igiene, ed anche un pò di medicina pratica, cose tutte che consideriamo non solo utili, ma anche necessarie allo svolgimento della vita sociale.

*La Libertà* sarà anche ricca di notizie mondiali, e più specialmente d'Italia e di questo Stato di Rio Grande del Sud.

Coll'amore alla Religione, intendiamo consolidare nel cuore dei nostri lettori l'amore alla patria d'origine ed a quella d'adozione, convinti come siamo che un buon cattolico sarà sempre un'ottimo cittadino. Non ci ha forse insegnato lo stesso Gesù Cristo di dare a Cesare quel che è di Cesare, ed a Dio quel che è di Dio?

Ci preme poi dichiarare che *La Libertà*, volendo essere tale non solo di nome ma anche di fatto, sarà decisamente aliena dalla politica partidaria.

Pe. Carlo Porrini (em RIZZARDO, 1990, p. 189) assim comunica o surgimento de *La Libertà*:

Em 1909, uma notícia muito consoladora correu todas as colônias italianas: a fundação de um jornal católico italiano. Pe. Cármine Fasulo, zeloso pároco de Caxias, enviou uma circular a todos os párocos da Diocese de Porto Alegre, convidando o clero a apoiar sua iniciativa de fundar o semanário católico *La Libertà*.

De fato, a 13-2-1909, Pe. Cármine fundava, em Caxias do Sul, o jornal católico *La Libertà* que, após alguns meses, devido em parte, aos inimigos criados pelo próprio Pe. Cármine, especialmente entre os desafetos da Igreja, estava para ruir fragorosamente, quando a mão salvadora do Pe. João Fronchetti, pároco de Conde d'Eu (Garibáldi), coadjuvado por seus amigos Adolfo Moreau e João Carlotto, adquiriram o jornal e a maquinaria, estabelecendo tudo em Garibaádi. Mas a luta custou-lhe o nome, que foi alterado para *Il Colono Italiano*, sob o qual circulou até 1921.

A Missão dos Capuchinhos em Garibáldi iniciou na convivência com Pe. João Fronchetti, o qual, em 1909, se tornava proprietário do jornal *La Libertà*, que exatamente se enquadrava nos projetos do Frei Bruno. Mas, para que o Pe. João pudesse aplicar-se em tempo integral ao jornal, os freis o substituíram nas atividades pastorais de sua vasta paróquia. Assim, indiretamente, estavam realizados os planos do fundador da missão em relação à imprensa católica. Os capuchinhos sempre colaboraram também com o jornal até que, em 1917, Frei Bruno adquiria a tipografia e o controle do jornal *Il Colono Italiano*, que passou a ser propriedade exclusiva dos capuchinhos em 12-01-1921.

Se Pe. Cármine tivesse continuado em Antônio Prado, aqui teria nascido o jornal, seguramente com apoio de Frei Bruno. Mas, os conflitos em Antônio Prado o empurraram para Caxias, onde encontrou campo aberto para sua pregação contra os representantes da política italiana, e nomeia ironicamente seu jornal de *La Libertà*. A Liberdade, porque estaria sozinho no campo de batalha, proclamando o sagrado poder papal, acolhendo em segundo plano o que para Frei Bruno seria o objetivo principal: evangelizar e humanizar a vida dos agricultores. Hostilizado pela elite política italiana e não apoiado pelo clero, que via como inútil a continuação das polêmicas de origem política, afortu-

nadamente o jornal passou às mãos do Pe. João Fronchetti, pároco de Garibáldi, que muda o nome, para – *Il Colono Italiano*.

Mas os conflitos continuaram, porque Pe. João Fronchetti era cônsul austríaco em Garibáldi, e o jornal foi sendo ridicularizado pelos italianos como *Il Colono Austriaco*. Por isso, em 1917, quando os capuchinhos assumiram o controle do jornal, mudaram o nome para *Staffetta Riograndense*, voltando o jornal a toda a população.

Em 15-12-1908, Frei Bruno felicitava Pe. Cármine pelo nascimento próximo do jornal, em carta publicada na 1ª página do n. 1, de 13-02-1909:

Augurando a Lei, carissimo Signore Vicario, buone feste di Natale, ed alla Libertà una bella aurora. La prego di gradire l'espressione dei miei sensi di stima profonda e di sincera amicizia.

Em todas as paróquias por onde passou, Pe. Cármine escolheu a polêmica e a denúncia, como forma equívoca de evangelização. De outro lado, porém, as marcas positivas de sua passagem ficaram nas obras eclesiais, associações religiosas, criação e organização de capelas, imprensa católica e na espiritualidade da devoção ao Coração de Jesus.

E o *Correio Riograndense*, sucedâneo do *La Libertà*, autônomo e livre, comprometido com a caminhada evangelizadora da Igreja, está prestes a celebrar um século de ininterrupta circulação.

E Antônio Prado, inaugurando, em sua Feira do Livro 2007, o *Acervo de Etnias Padre Cármine Fasulo*, dá continuidade a um de seus principais ideais – a promoção da fé e da cultura, mediante o estudo e a leitura.

Feliz a Paróquia de Antônio Prado, de Santa Tereza de Caxias do Sul, de Caravaggio, Nova Vicenza (atual Farroupilha, 1913), Bento Gonçalves (1914), Triunfo (1916) e Gramado (1917-1920), que tiveram o privilégio de contar com o carisma apostólico de Pe. Cármine, que colocou sempre, como centro de sua pregação e espiritualidade, o *Coração Divino de Jesus*. Muito obrigado!

## Referências

BONFADA, Genésio. *Os palotinos no Rio Grande do Sul*. Santa Maria: Ed. Pallotti, 1991.

COSTA, Rovílio. *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Est Edições, 1996.

GILLONNAY, Bruno de, Frei. *O humano em Cristo*. 3. ed. Porto Alegre: EST, 1996.

LOBATO, Eliane. Livros só mudam pessoas. *Isto É*, 11-4-2007. p. 49.

RIZZARDO, Redovino. *Raízes de um povo*. Porto Alegre: EST, 1990.

RUBERT, Arlindo. *Clero secular italiano no Rio Grande do Sul*. Santa Maria: Ed. Pallotti, 1977.